

O biombo namban: um registro da presença portuguesa no Japão

The namban screen: a record of the Portuguese presence in Japan

Marcus da Silva Dornelez¹, UFRGS

Resumo

O presente trabalho consiste na leitura formal e simbólica de um biombo *namban*, um registro imagético cuja autoria pode ser atribuída ao pintor Kanō Naizen a respeito da presença portuguesa no Japão da segunda metade do século XVI e na primeira metade do século XVII. No que se refere aos contatos iniciais entre portugueses e japoneses e a evolução destes contatos que culminou no isolamento do Japão, trata-se de uma fonte primária que parte da perspectiva nipônica, consideravelmente menos estudada pela historiografia nacional em comparação com os registros associados aos comerciantes e aos missionários europeus. Para a viabilização dessa leitura, será considerado o que a historiografia já existente produziu a respeito de um fenômeno histórico cuja relevância foi outrora considerada secundária, através de revisão bibliográfica sobre o tema.

Palavras-Chave: Biombo Namban; Japão; Portugal; Kanō Naizen

Abstract

The present work consists of the formal and symbolic analysis of a *namban* screen, an imagery record whose authorship can be attributed to the painter Kanō Naizen regarding the Portuguese presence in Japan during the second half of the 16th century and the first half of the 17th century. With regard to the initial contacts between the Portuguese and Japanese and the evolution of these contacts that culminated in the isolation of Japan, this is a primary source that starts from the Japanese perspective, considerably less studied by national historiography in comparison with the records associated with traders and European missionaries. For the feasibility of this analysis, the historiography produced about a historical phenomenon whose relevance was once considered secondary will be considered, through a bibliographic review on the subject.

Keywords: Namban byōbu; Japan; Portugal; Kanō Naizen

Introdução

Entre 1543 e 1640, os portugueses estabeleceram uma das mais lucrativas rotas de comércio de seu império ultramarino. Conectando China e Japão através das cidades de Macau e Nagasaki, os lusitanos participaram de um intercâmbio até então inédito tanto para os europeus quanto para as populações do Leste Asiático. Esse contato, por sua vez, deixou uma série de registros que acabaram se preservando na posterioridade, incluindo um rico acervo

¹ Doutorando vinculado ao Programa de Pós Graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGH-UFRGS), linha de pesquisa Relações de Poder Político-Institucionais. Atualmente desenvolve a pesquisa “Toma Macao novos alentos com o Fénix da luzitania renascido: a cidade de Macau cem anos após a perda de Nagasaki”, orientada pelo Prof. Dr. Valter Lenine Fernandes. E-mail para contato: marcus.dorneles@ufrgs.br

artístico de imagens que dizem muito sobre a visão dos habitantes locais no que tange à presença estrangeira.

A imagem analisada neste trabalho é uma destas imagens produzidas neste contexto de contatos inéditos - um biombo *namban*², cuja autoria pode ser atribuída a Kanō Naizen. Os biombos *namban* foram produzidos na mesma época em que os portugueses estavam estabelecendo contato comercial com os japoneses, e, ao todo, existem cerca de noventa biombos identificados ao redor do mundo. A maioria deles encontra-se, por motivos razoavelmente evidentes, em museus de Portugal e do Japão. O biombo que será analisado está atualmente sendo preservado e exposto no Museu da Cidade de Kobe, inaugurado no Japão em 1982, e sua datação não é totalmente precisa. Estipula-se que a obra foi pintada entre os anos de 1598 e 1615, quando a relação entre portugueses e japoneses ainda estava em um patamar suficientemente positivo para que os comerciantes estrangeiros continuassem a realizar suas atividades em solo nipônico.

A análise propriamente dita será composta de três etapas. Na primeira, será realizada uma breve explanação a respeito do contexto político e social em que o Japão se encontrava no momento em que os portugueses chegaram na ilha de Tanegashima por acidente, para que se compreenda melhor o panorama em que a sociedade nipônica se encontrava naquele momento. Por se tratar de uma fonte autenticamente japonesa, o foco será dado especialmente às questões internas envolvendo as crises sucessórias do xogunato e os conflitos entre clãs japoneses. Em seguida, será realizada a leitura formal da imagem, ou seja, serão destacados os elementos visíveis que compõem a obra, como as figuras humanas nela retratadas, os componentes que integram o seu cenário e os detalhes presentes nos objetos, na indumentária e na arquitetura das construções presentes. Por fim, a última etapa consiste na leitura simbólica do biombo, no esforço de refletir a respeito de possíveis interpretações que podem ser desprendidas a partir dos símbolos descritos anteriormente.

Sobre o Autor: a Escola Kanō e o legado de Kanō Naizen

Antes de realizar a análise propriamente dita da obra selecionada para a produção do presente trabalho, torna-se relevante destacar algumas colocações a respeito da biografia daquele responsável por sua criação, uma vez que sua trajetória pessoal está potencialmente ligada às suas inclinações artísticas e suas escolhas pessoais no que diz respeito aos temas que

² O termo “*namban*” vem de “*nambanjin*” que significa “bárbaros do sul”. Essa era a forma com que os japoneses se referiam aos portugueses nesse período.

escolhera tratar em suas pinturas. Mesmo que as informações a respeito de sua trajetória sejam relativamente esparsas, ainda é possível apontar alguns marcos de sua vida enquanto artista visual.

Kanō Naizen fez parte de uma das mais ilustres famílias de pintores japoneses, a Escola Kanō. Embora fora comumente ofuscado por seu pai, Kanō Eitoku, e seus irmãos, Kanō Mitsunobu, Kanō Takanobu e Kanō Sanraku, seu envolvimento com os biombos *namban* lhe garantiu um importante legado para a posterioridade. Antes de trabalhar com os biombos, participou com seus familiares na restauração de edifícios imperiais, templos budistas e santuários xintoístas que foram danificados durante o Período Kamakura³ e as Guerras Genpei⁴.

A escola Kanō ganhou notoriedade principalmente a partir do final do século XV, quando o próprio xogunato Ashikaga se tornou patrono dos pintores ligados a ela. No século XVI, a escola Kanō era amplamente conhecida pelo domínio das técnicas chinesas de pintura - chamadas *kanga* -, caracterizadas pelas tonalidades mais monocromáticas (MASON, 2005, p. 254). No entanto, os Kanō também desenvolveram um estilo muito particular que ficou denominado como o “estilo azul-e-dourado” (MASON, 2005, p. 254). Nesse tipo de pintura, paisagens e cenas do cotidiano eram retratadas com cores vibrantes, frequentemente utilizadas em um fundo dourado ou cinza. As técnicas dos Kanō dominaram o âmbito das artes visuais japonesas até a Era Meiji, que teve início no final do século XIX com o processo de industrialização. Entre 1610 e 1615, Kanō Naizen mudou-se para a capital Edo - atual Tóquio - a pedido de Tokugawa Ieyasu, o fundador do xogunato Tokugawa que governou o Japão com punhos de ferro no período correspondente aos anos de 1603 a 1868. Ele veio a falecer pouco tempo depois, em 1616, aos 46 anos de idade, e jamais chegou a contemplar a expulsão dos indivíduos retratados em sua obra.

Contexto Histórico: o Japão em convulsão política e social

Em 1467 uma crise sucessória envolvendo o xogunato Ashikaga deu início à Guerra de Ōnin, em que vários clãs próximos ao governo tentaram aplicar um golpe de Estado (SOURYI, 2013, p. 272). Esses clãs entraram em disputas bélicas inúmeras vezes, iniciando o que ficou denominado como o *Sengoku Jidai*⁵, uma era de guerra civil constante que durou mais de 100 anos. Nesse contexto de disputa, chegam por acidente em 1543 os primeiros viajantes

³ O primeiro regime militar feudal do Japão, correspondente ao período entre os anos de 1192 e 1333, quando o xogunato Kamakura estava no poder.

⁴ As Guerras Genpei foram uma série de conflitos entre 1180 e 1185 protagonizados pelos clãs Taira e Minamoto, com vitória deste sobre aquele.

⁵ “Período dos Estados Deliberantes”, em tradução livre.

portugueses, que introduziram as armas de fogo naquele território e acabaram por influenciar mesmo que indiretamente os rumos da unificação japonesa (LIDIN, 2002, p. 1).

A rota do Japão começa a tomar forma entre 1543 e 1570, quando os portugueses começam a realizar viagens anuais em direção ao arquipélago nipônico depois de um primeiro contato improvável. No entanto, é apenas em 1571 que se estabelece uma rota estável com a inauguração do porto de Nagasaki (LOUREIRO, 2007, p. 27). O estabelecimento dos lusitanos nesta cidade portuária muito se deve à atuação de Omura Sumitada, o primeiro *daimyō*⁶ convertido à religião cristã. Ainda que seja bem possível que o batismo de Sumitada teria ocorrido em função do interesse deste ao acesso à tecnologia e às armas portuguesas como forma de se criar uma vantagem contra os seus rivais, o *daimyō* eventualmente teria demonstrado grande entusiasmo em relação à sua nova religião, abandonando suas vestes tradicionais para adornar-se com símbolos cristãos e até mesmo chegando ao ponto de queimar as tábuas votivas de seu pai adotivo - possivelmente a mando do jesuíta espanhol Cosme de Torres (HESSELINK, 2015, p. 31). Este gesto, no entanto, não teria agradado seus opositores, e, no dia 15 de agosto de 1563, um dos servos de Omura Sumitada foi emboscado e morto por seguidores de um de seus rivais (HESSELINK, 2015, p. 32).

A aproximação dos portugueses com Omura Sumitada também provocou reações em Hirado. Em 1565, o Capitão-mor D. João Pereira chegou a Yokoseura com intenções de realizar comércio na região. Apesar de ser eventualmente convencido por jesuítas e aliados japoneses a se dirigir ao porto de Fukuda - que compõe hoje a cidade Nagasaki -, sua nau foi atacada por uma flotilha que levava samurais subordinados a Matura Takanobu, o *daimyō* de Hirado. Na ocasião, Takanobu aproveitou-se da oportunidade para retaliar os portugueses, ao entender que a aproximação destes com Sumitada representaria um fim do comércio com os estrangeiros. Deu-se então início a um embate de aproximadamente duas horas entre japoneses e portugueses no dia 18 de outubro daquele mesmo ano (HESSELINK, 2015, p. 38), com vitória para o lado lusitano, que sofreu pouquíssimas perdas. O evento ficou conhecido posteriormente como a “Batalha da Baía de Fukuda”.

Depois do conflito em questão, os portugueses continuaram realizando suas viagens anuais ao Japão; dessa vez, no entanto, eles deram preferência a Fukuda, onde atracaram pelo menos quatro vezes. Finalmente, em 1571, Omura Sumitada - tendo adotado o nome de

⁶ Os *daimyō* eram os poderosos senhores de terra do Japão feudal, que tinham influência tanto econômica quanto militar. Estes homens ganharam poder e notoriedade ainda no século X e permaneceram - com graus variados de sucesso dependendo do período histórico em questão - influentes até a eclosão da Revolução Meiji, no século XIX. Para estabelecer o seu poder, os *daimyō* contratavam samurais para proteger suas posses e seus interesses pessoais, pagando-os pelos seus serviços com alimentação ou até mesmo com parte de suas terras.

batismo, Dom Bartolomeu - permitiu que mercadores portugueses e cristãos exilados de outros territórios fossem recebidos em Nagasaki. A partir desse momento, Nagasaki se tornou o principal ponto de recepção das embarcações portuguesas, sendo de longe o destino favorecido pelos lusitanos até a sua expulsão em 1640. Por um breve momento, Nagasaki inclusive chegou a ser diretamente administrada pelos missionários jesuítas, a partir de um acordo concluído pelo missionário Alessandro Valignano, em que se determinou que os jesuítas teriam a responsabilidade de eleger um regedor para realizar a administração da cidade enquanto mantinham fidelidade a Ōmura Sumitada, que nominalmente ainda era considerado o senhor daquelas terras (COSTA, 1993, p. 41). A concessão provou-se efêmera, no entanto, quando apenas seis anos depois, em 1586, Shimazu Yoshihisa, invadiu o vilarejo, dando fim ao controle estrangeiro.

O que poderia ser considerado um grande revés no que diz respeito aos interesses dos comerciantes portugueses na região, no entanto, não parece ter impedido o estabelecimento de um lucrativo comércio que continuou ocorrendo pelas próximas décadas. Nagasaki representou, no final das contas, o começo de uma nova fase no que tange às relações comerciais luso-japonesas, mesmo que a sua administração direta dos jesuítas tenha durado tão pouco tempo. Dentre alguns dos produtos envolvidos nesse intercâmbio, destacam-se a seda chinesa e os metais preciosos como ouro, prata e chumbo (LOUREIRO, 2007, p. 37).

Anteriormente ao estabelecimento em Nagasaki, Hirado foi de longe o destino mais procurado pelos navegantes portugueses. Uma possível explicação pela preferência a Hirado reside no fato de que, desde o período Nara - ou seja, entre 710 e 794 d.C -, seu porto já era utilizado para a recepção de barcos de outros reinos do Leste Asiático. Já entre os períodos Kamakura e Muromachi, o clã Mastura, que detinha controle sobre a região, ganhou o direito de mediar o comércio com a Coreia e com a China da dinastia Song. Nesse contexto, muito antes da chegada lusitana, Hirado já contava com uma infraestrutura para receber embarcações de comerciantes das mais variadas estirpes.

As relações luso-japonesas duraram oficialmente até 1640, quando se tornou evidente para os japoneses que - para os lusitanos ali presentes - era praticamente impossível desassociar seus interesses comerciais com os religiosos; em determinadas circunstâncias, as autoridades japonesas deixaram claro que não tinham objeções ao comércio ali estabelecido. Existem vários motivos que foram levantados por historiadores para justificar a postura das autoridades japonesas, incluindo o receio de uma colonização, a oposição à exploração da escravidão de indivíduos japoneses e os antagonismos entre a fé cristã e a ideologia do xogunato

(CARVALHO, 2000, p. 140). O arquipélago nipônico então adota uma política de isolacionismo - o *sakoku* - e permite o comércio apenas aos estrangeiros holandeses e chineses no porto de Dejima, localizado em Nagasaki.

Os portugueses realizaram alguns contatos pontuais com os japoneses depois de 1640, com o envio de uma embaixada liderada por Gonçalo de Siqueira de Souza no ano de 1644 e com o resgate de alguns navegantes que naufragaram no porto de Macau. Ainda assim, a rejeição ao cristianismo e o receio das intenções dos portugueses e dos missionários cristãos naquele território prevaleceram, e o restabelecimento das relações formais com o arquipélago nipônico nunca ocorreu de fato. Nessas circunstâncias, foram os rivais holandeses que ocuparam o papel anteriormente desempenhado pelos lusitanos como os intermediários comerciais oriundos da Europa, gozando desta posição com quase total exclusividade até o fim do isolamento japonês com o tratado de Kangawa, em 1854.

Leitura Formal do Biombo Namban

Realizado um breve panorama a respeito da situação social e política do Japão da época e do papel que o contato com os portugueses teve nessa respectiva conjuntura, cabe agora realizar a leitura propriamente dita das imagens selecionadas para a elaboração do presente trabalho. A seguir, serão destacados alguns aspectos formais de um dos biombos preservados no Museu da Cidade de Kobe, no Japão.

Figura 1 – Visão Panorâmica do Biombo Namban



KANŌ NAIZEN (1570–1616), “Biombo Namban” (1598-1615), Pintura e folha de ouro sobre papel, 363.2 x 154.5 cm, Museu da Cidade de Kobe, Kobe, Japão.

A imagem retrata cenas em uma cidade portuária japonesa, que, pela datação, é plausível inferir que se trate de Nagasaki - ou pelo menos de alguma inspirado nela. À esquerda, nota-se

que um navio de cargas português acaba de chegar ao porto, com alguns de seus tripulantes realizando movimentos acrobáticos nos seus mastros. O capitão e a sua tripulação em terra caminham em direção à cidade onde comerciantes começam a se alinhar. Há uma notável movimentação de pessoas ao redor do capitão, incluindo missionários jesuítas e franciscanos identificados por suas vestes religiosas. Logo acima, na parte direita da pintura, há uma igreja cristã construída nos moldes de um templo japonês tradicional, onde cristãos participam de uma cerimônia religiosa.

Figura 2 – Vista Aproximada dos Estrangeiros e sua Indumentária



KANŌ NAIZEN (1570–1616), “Biombo Namban” (1598-1615), Pintura e folha de ouro sobre papel, 363.2 x 154.5 cm, Museu da Cidade de Kobe, Kobe, Japão.

As feições dos viajantes estrangeiros - identificados por suas roupas escuras com silhueta chamativa e volumosa - certamente contrasta com os traços dos habitantes locais, que usam vestes tradicionais japonesas. Algumas das figuras nipônicas ainda carregam suas *katana*, indicando uma provável posição elevada na hierarquia social. Os portugueses são retratados com narizes alongados e protuberantes, e, entre eles, percebe-se a presença de homens com traços semelhantes; embora desenhados com a pele escura. Considerando a ausência de sapatos dessas figuras, infere-se que esses indivíduos em questão sejam, de fato, homens escravizados que acompanhavam os comerciantes em suas navegações ao Japão. A vestimenta desses indivíduos também difere daquela usada pelos navegantes portugueses, que usam capas escuras não presentes na indumentária destes indivíduos.

Os portugueses e seus acompanhantes são bastante numerosos: a maioria dos indivíduos presentes no biombo são estrangeiros, e apenas uma pequena porção das figuras retratadas pode

ser identificada como japoneses ou de origem asiática⁷. A quantidade de figuras humanas presentes na imagem - tanto em terra quanto no navio - aproxima-se de uma centena. A intensa movimentação dessa quantidade destacada de pessoas indica que a chegada anual dos navios lusitanos era, no final das contas, um evento de grandes proporções, literalmente e figurativamente.

Figura 3 – Vista Aproximada do Trânsito de Presentes e Mercadorias



KANŌ NAIZEN (1570–1616), “Biombo Namban” (1598-1615), Pintura e folha de ouro sobre papel, 363.2 x 154.5 cm, Museu da Cidade de Kobe, Kobe, Japão.

Entre os produtos carregados por esses homens, nota-se na parte central da obra o manuseio de tecidos. Considerando o contexto histórico e a contribuição de autores especialistas no tema, depreende-se que se trate da seda chinesa - um dos mais importantes produtos contemplados nas rotas comerciais para o Japão. Na parte inferior à esquerda, alguns homens carregam caixas, potes e um tigre enjaulado. Animais não constam nos mapas de cargas escritos por administradores portugueses, e, nesse sentido, é plausível afirmar que se tratam de presentes - e não mercadorias propriamente ditas - ou exagero por parte do autor.

Por fim, no que se refere aos elementos paisagísticos retratados no biombo, percebe-se que as águas onde os navios atracaram se localizam quase que exclusivamente à esquerda, enquanto o restante do espaço é majoritariamente ocupado pelo relevo dourado que se mistura com as nuvens de mesma cor. Já na parte direita da imagem, nota-se uma árvore em meio aos

⁷ Nesse sentido, é importante ressaltar que ocasionalmente alguns chineses também se fizeram presentes nas viagens a Nagasaki, normalmente cumprindo a função de intérpretes e de guias.

transeuntes e às edificações, semelhante ao pinheiro negro japonês - ou *kuromatsu*⁸, na língua japonesa.

Análise Simbólica do Biombo Namban

O biombo selecionado não pode ser considerado um retrato fidedigno do cotidiano de uma cidade portuária japonesa. E, nesse sentido, muito de seu conteúdo também tem relação com uma série de símbolos que foram utilizados na obra em questão e que refletem uma série de pensamentos da sociedade - ou pelo menos parte dela - japonesa sobre os navegantes estrangeiros. Assim sendo, dado que um primeiro foram analisados aspectos formais que podem ser identificados em uma leitura inicial da imagem, agora se atentará aos seus detalhes menos explícitos.

Sobre estes aspectos simbólicos da obra em questão e do contexto em que ela está inserida, evidentemente se percebem as particularidades estéticas que diferenciam a imagem em questão com outros trabalhos ocidentais do mesmo período. Nesse sentido, não é possível encontrar certos elementos como a preocupação naturalista que permeava o senso estético do Renascimento italiano do século XVI (BAYER, 1995, p. 101) e que veio a influenciar artistas oriundos de diversas regiões da Europa nos séculos seguintes. A análise do biombo requer um olhar independente de princípios analisados previamente por outros autores e que fazem sentido com aspectos culturais, sociais e históricos da Itália ou da França, por exemplo, e mais centrado nos elementos culturais daquela região em específico e no panorama social que dizia respeito ao Japão.

As cores, dessa maneira, têm significado muito particular na arte japonesa, e frequentemente não são utilizadas de modo naturalista, como ocorria na arte ocidental do mesmo período (BARROS, 2007, p. 88). As nuvens douradas que se misturam com o relevo, por exemplo, surgem como metáfora visual da época registrada, correspondente ao que pode ser considerado uma idade de ouro (CURVELO, 2007, p. 146). Quando os portugueses se estabeleceram na cidade de Nagasaki por volta de 1580, o Japão estava próximo de se reunificar, muito em função das investidas bélicas de Oda Nobunaga que já estavam ocorrendo na década de 1560.⁹ A unificação japonesa é um importante fenômeno histórico que, por sua vez, não teria

⁸O pinheiro negro, cujo nome científico é "*Pinus thunbergii*", é uma espécie de pinheiro nativa das áreas costeiras do Japão e da Coreia do Sul. Além de ser bastante apreciado na jardinagem, também é um dos objetos de maior interesse do *bonsai*.

⁹ Ver: LAMERS, Jeroen. *Japonius Tyrannus: The Japanese Warlord Oda Nobunaga Reconsidered*. Leiden: Brill Hotei, 2000.

conclusão até o ano de 1603, quando se instaura o Xogunato Tokugawa sob liderança de Tokugawa Ieyasu.

Figura 4 – Vista Aproximada do “*Kurofune*” ou Navio de Cargas.



KANŌ NAIZEN (1570–1616), “*Biombo Namban*” (1598-1615), Pintura e folha de ouro sobre papel, 363.2 x 154.5 cm, Museu da Cidade de Kobe, Kobe, Japão.

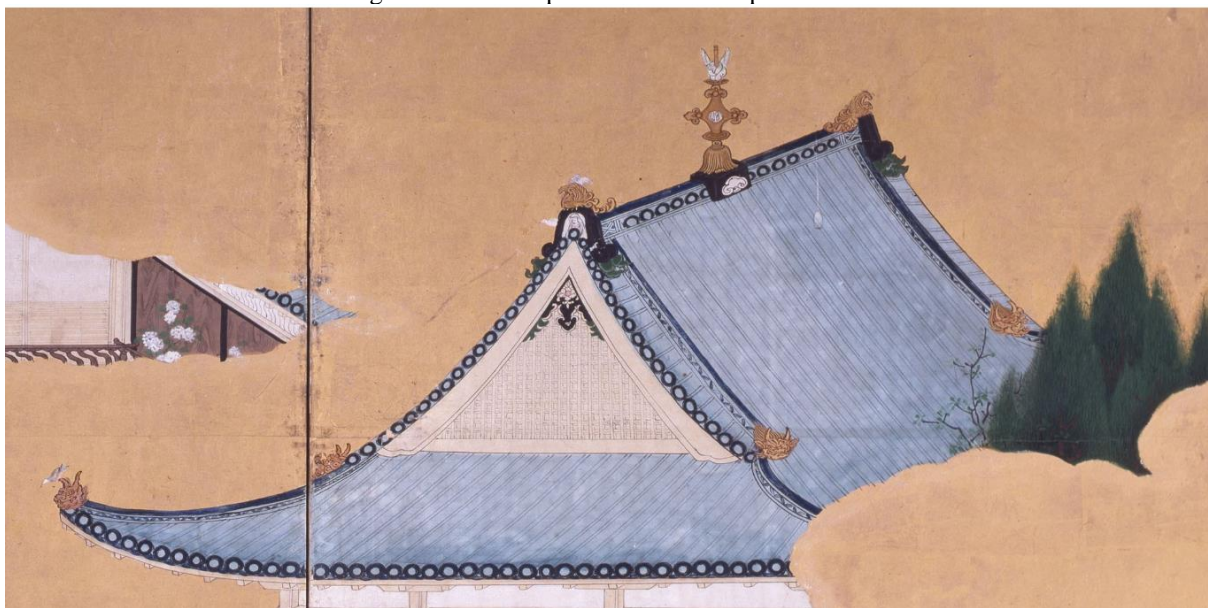
Já a cor preta do navio de cargas - ou “*kurofune*” na língua japonesa - indica a presença do desconhecido, especialmente quando considerada como oposição aos navios chineses que eram referidos como “*shirofune*”.¹⁰ No entanto, sua conotação não é necessariamente negativa, já que o navio pode ser lido como o navio do tesouro - *takarabune* -, simbolizando riqueza e felicidade. Isso se deve, pelo menos em parte, à crença popular japonesa da época que identificava objetos e pessoas que dessem à costa vindo do mar como tesouros. Essa crença era personificada em Ebisu, um dos sete deuses da boa sorte - *shichifukujin* - e divindade protetora dos comerciantes. Curiosamente, seu nome literalmente significa “bárbaro” ou “estrangeiro” (CURVELO, 2007, p. 178-179), indicando uma possível conexão com o termo que identificava os portugueses: *nambanjin*, ou seja, bárbaros do sul.

O preto também está presente no desenho do pinheiro negro em meio à multidão. A imagem do *kuromatsu*, nesse sentido, foi adquirindo na arte japonesa e na cultura popular do Japão um significado associado à longevidade e prosperidade (NILZÉN, 2021, p. 26). Percebe-se aqui mais uma vez, que a cor preta em oposição à cor branca não evoca necessariamente aspectos ligados ao mal, ao negativo ou ao indesejado. O pinheiro aqui especificamente complementa certos significados associados a outros elementos já comentados previamente e

¹⁰ “*kuro*” significa “preto” em japonês, enquanto “*shiro*” significa “branco”.

que serão discutidos logo a seguir, o que indica que sua presença provavelmente não seja apenas fruto do acaso ou mera aleatoriedade. De certa forma, torna-se possível afirmar que existe uma coesão temática entre as diferentes partes do biombo, que, por sua vez, corrobora circunstâncias do contexto histórico em que ele estava inserido.

Figura 5 – Vista Aproximada do Templo Cristão.



KANŌ NAIZEN (1570–1616), “Biombo Namban” (1598-1615), Pintura e folha de ouro sobre papel, 363.2 x 154.5 cm, Museu da Cidade de Kobe, Kobe, Japão.

Destaca-se ainda a cruz identificada no templo japonês localizado na parte superior direita da imagem. A cruz na iconografia *namban* é um símbolo que detona proteção e prosperidade. Interessantemente, mesmo depois da expulsão dos missionários cristãos no ano de 1640, seu significado simbólico permaneceu ativo em alguns setores da sociedade japonesa (CURVELO, 2007, p. 180). Sobre a presença de elementos explicitamente ligados ao cristianismo em uma obra de origem nipônica, destaca-se aqui a dimensão da circulação destes biombos - muito maior do que a historiografia especializada havia considerado em momentos anteriores. Se a arte *namban* em um primeiro momento foi considerada como fruto das interações entre os impérios ibéricos com a China e o Japão, atualmente se percebe que já é possível a mencionar como uma tendência artística de dimensões globais, contemplando não apenas a Ásia e a Europa como também as Américas e a África (ARIMURA, 2018, p. 24), dada a considerável popularidade que este tipo de obra encontrou em seu tempo.

Esta circulação da arte *namban* pode ter contribuído para que diferentes obras categorizadas nesta expressão artística em específico tenham adquirido um caráter - de certa forma - mais cosmopolita. No caso do biombo selecionado para o presente trabalho, notam-se

os elementos que visivelmente marcam sua origem nipônica coexistindo com figuras ligadas ao Ocidente - neste exemplo, a cruz cristã desenhada em um dos templos.

Nesse contexto envolvendo o contato do cristianismo com a sociedade japonesa, o xogunato Tokugawa, que ascendeu ao poder com a unificação japonesa, foi bastante restritivo no que diz respeito à proibição do cristianismo durante praticamente todo o seu governo até 1867. No entanto, alguns japoneses preservaram a religião adaptando-a ao contexto de censura, moldando seus objetos sagrados de forma que se tornassem mais semelhantes aos símbolos do budismo ou do xintoísmo. Esses cristãos foram chamados na posterioridade de “*Kakure Kirishitan*”, ou seja, “cristãos escondidos”.

Considerações Finais

O biombo selecionado é um registro relevante das relações que se estabeleceram entre portugueses e japoneses no contexto dos séculos XVI e XVII. Trata-se de um importante artefato que não se limita a apenas ilustrar a movimentação de viajantes estrangeiros nos portos do arquipélago nipônico, carregando também muitos significados relativos à própria visão que os japoneses tinham em relação aos lusitanos. Esses significados podem ser identificados tanto a partir das formas - ou seja, dos traços relativos às figuras presentes e dos objetos retratados - quanto a partir da escolha de cores que carrega uma série de informações.

No que se refere aos indivíduos retratados na imagem, os portugueses e seus acompanhantes se destacam na multidão por suas feições exageradas, marcadas principalmente pelos narizes protuberantes que se diferenciam drasticamente das figuras com traços asiáticos. Suas vestimentas também são caracterizadas por silhuetas exageradas que contrastam com os quimonos ajustados aos corpos daqueles e daquelas que os vestem. Até mesmo os seus movimentos se destacam, especialmente no que tange à tripulação no navio que aparenta realizar acrobacias nos mastros da embarcação, dando um caráter quase circense ao evento em questão.

Isso de certa forma evidencia o estranhamento em relação que as pessoas daquele território tinham em relação aos viajantes que aos poucos atracavam em seus portos. Suas aparências e trejeitos peculiares chamavam a atenção e despertavam a curiosidade da população local. O contato estendido com os europeus era até então algo inédito no contexto japonês e o estranhamento é algo que fora registrado tanto nos registros escritos - como os textos que narram a chegada inicial dos portugueses a exemplo do *Teppōki*, do *Tanegashima kafu* e do

*Kunitomo Teppōki*¹¹ - quanto nos registros imagéticos. Cabe, nesse sentido, reforçar alguns temas já extensamente trabalhados pela historiografia, pela sociologia e pela antropologia, dado que a reação dos nativos aos estrangeiros é um objeto de estudo ainda capaz de fomentar discussões basante pertinentes.

Serge Gruzinski, por exemplo, realizou extensas contribuições no que diz respeito ao contato entre diferentes povos no contexto da expansão ultramarina europeia, destacando inclusive alguns relatos produzidos por viajantes que teriam chegado à Ásia. Citando os escritos do frade Gaspar da Cruz¹², o autor menciona a maneira com que os chineses mantiveram por muito tempo uma postura cautelosa e apreensiva em relação aos comerciantes vindos de fora, dado “o temor dos contatos com o exterior, sentidos como uma fonte potencial de problemas e um encorajamento à pirataria litorânea” (GRUZINSKI, 2014, p. 273). Já no Camboja, os habitantes teriam perguntado ao missionário se ele era algum tipo de feiticeiro (GRUZINSKI, 2014, p. 273), e, no Japão, monges espanhóis teriam sido acusados de necrofagia, dado o consumo de carne de vaca (GRUZINSKI, 2014, p. 273).

No entanto, o biombo foi pintado em um período em que a visão dos japoneses sobre os lusitanos não era necessariamente negativa. Na verdade, existem muitos elementos na obra que evidenciam uma perspectiva consideravelmente esperançosa sobre a presença desses indivíduos no Japão, apesar da estranheza. Essa perspectiva, por sua vez, pode ser observada através dos símbolos perceptíveis nas imagens em questão e nos significados neles atribuídos. O navio que chega pelo oceano pode ser interpretado como um navio do tesouro, que traz riquezas e prosperidade. As nuvens douradas que se misturam com o terreno também indicam o presságio de uma idade de ouro, que sucede um século inteiro de guerra civil. Até mesmo a cruz, elemento da religião estrangeira, também pode ser lida como um símbolo próspero, que manteve seu significado mesmo após a expulsão dos portugueses e a proibição do cristianismo no arquipélago nipônico.

Evidentemente, seria demasiadamente exagerado atribuir teor esperançoso que pode ser retirado dos símbolos destacados no biombo apenas à presença estrangeira no Japão daquele período. Mesmo que seja possível afirmar que o comércio protagonizado pelos viajantes europeus - e conseqüentemente o papel que os lusitanos tinham como intermediários entre China e Japão - era de grande agrado a alguns setores da sociedade japonesa, há de se considerar

¹¹ Os três textos japoneses abordam a chegada dos portugueses à ilha de Tanegashima no dia 25 de setembro de 1543 e fazem ligações entre o evento em questão e a difusão das armas de fogo no Japão.

¹² O “*Tratado das cousas da China*”, publicado em 1570, é uma importante fonte histórica para os estudos a respeito da presença portuguesa na Ásia Oriental, uma vez que Gaspar da Cruz, seu escritor, teria viajado e conhecido pessoalmente diversos locais em que os lusitanos se fizeram presentes, como Malaca e Camboja.

aqui também os fatores internos que moldavam as estruturas sociopolíticas da época em questão, a exemplo do processo de unificação japonesa iniciado por Oda Nobunaga e concluído por Tokugawa Ieyasu e do conseqüente fim de um período violento de guerras civis e instabilidades políticas.

O conteúdo do biombo certamente contrasta com a conjuntura da década de 1630, em que as relações entre Portugal e Japão atingem um declínio que se prova definitivo na posterioridade. Nesse sentido, é interessante perceber como a natureza desse contato mudou tão rapidamente em questão de apenas alguns anos. Mesmo que o Japão estivesse em processo de unificação política, a sociedade japonesa ainda passava por processos históricos bastante conturbados, que acabaram afetando a rota comercial dos portugueses que ali se estabeleceram.

Os japoneses, além disso, tinham motivos de sobra para questionar as intenções dos viajantes em seu território, dadas outras experiências naquela região que escalaram a situações mais truculentas, como a tomada de Malaca em 1511. De qualquer forma, a obra selecionada reforça a relevância do papel desempenhado pelos comerciantes lusitanos como intermediários de produtos entre China e Japão, um tema bastante instigante no que tange à expansão ultramarina europeia e aos contatos entre povos no contexto da modernidade, apesar de ter sido considerado outrora secundário por parte da historiografia especializada.

Fontes utilizadas

KANŌ NAIZEN (1570–1616), “Biombo Namban” (1598-1615), Pintura e folha de ouro sobre papel, 363.2 x 154.5 cm, Museu da Cidade de Kobe, Kobe, Japão.

Referências

ARIMURA, Rie. Nanban Art and its Globality: a case study of the new Spanish mural the great martyrdom of Japan in 1597. **Historia y Sociedad**, [S.L.], n. 36, p. 21-56, 1 jan. 2019. Universidad Nacional de Colombia.

BARROS, José. Arte moderna e arte japonesa. **Estudos Japoneses: assimilações da alteridade**, São Paulo, n. 27, p. 77-96, 2007.

BAYER, Raymond. **História da Estética**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

BOXER, Charles. **The Christian Century in Japan: 1549-1650**. Binghamton: Vail-Ballou Press, 1961.

COSTA, João Paulo. **Portugal and Japan: The Namban Century**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.

CURVELO, Alexandra. **Nuvens douradas e paisagens habitadas a arte namban e a sua circulação entre a Ásia e a América: Japão, China e Nova-Espanha (c. 1550 - c. 1700)**. Tese (Doutorado) - Curso de História da Arte, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2007.

- D'ALLEVA, Anne. **How to write Art History**. London: Laurence King, 2010.
- D'ALLEVA, Anne. **Methods & Theories of Art History**. London: Laurence King, 2015.
- DE CARVALHO, Daniela. Nambanjin: sobre os portugueses no Japão. **ANTROPOLógicas**, Porto, n. 4, p. 131-149, 2000.
- FARRIS, William. **Japan to 1600: a social and economic history**. Honolulu: University Of Hawai'i Press, 2009.
- GROSSBERG, Kenneth. Bakufu Bugyonin: the size of the lower bureaucracy in Muromachi Japan. **The Journal of Asian Studies**, [S.L.], v. 35, n. 4, p. 651, ago. 1976.
- GRUZINSKI, Serge. **As quatro partes do mundo: história de uma mundialização**. Belo Horizonte: Minas Gerais, 2014.
- GUNN, Geoffrey. **World Trade Systems of the East and West: Nagasaki and the Asian bullion trade networks**. Leiden: Brill, 2018.
- HESSELINK, Reinier. **The Dream of Christian Nagasaki: world trade and the clash of cultures, 1560-1640**. Jefferson: McFarland Incorporated Publishers, 2016.
- KNOEST, Jurre. "The Japanese Connection": self-organized smuggling networks in Nagasaki circa 1666-1742. In: ANTUNES, Cátia; POLÓNIA, Amélia (ed.). **Beyond Empires: global, self-organizing, cross-imperial networks, 1500-1800**. Leiden: Brill, 2016. p. 88-137
- LIDIN, Olof. **Tanegashima: the arrival of Europe in Japan**. Copenhagen: Nias Press, 2002.
- LOUREIRO, Rui Manoel. Navios, mercadorias e embalagens na rota Macau-Nagasaki. **Revista de Cultura**, Macau, v. 24, p. 33-51, 2007.
- LOUREIRO, Rui Manoel. The Macau-Nagasaki route (1570-1640): portuguese ships and their cargoes. In: UNGER, Richard W. **Shipping and Economic Growth: 1350-1850**. Leiden: Brill Publishers, 2011. p. 189-206.
- MASON, Penelope. **History of Japanese Art**. Hoboken: Prentice Hall, 2005.
- MURASE, Miyeko. **Bridge of dreams: The Mary Griggs Burke collection of Japanese art**. Nova York: The Metropolitan Museum of Art, 200.
- NAKANE, Chie; OISHI, Shinzaburō (ed.). **Tokugawa Japan: the social and economic antecedents of modern Japan**. Tóquio: University Of Tokyo Press, 1990.
- NILZÉN, Oscar. **The Guardian Forest: sacred trees and ceremonial forestry in Japan**. 2021. Dissertação (Mestrado) - Curso de Silvicultura, Swedish University Of Agricultural Sciences, Umeå, 2021.
- TOTMAN, Conrad. **Early Modern Japan**. Los Angeles: University Of California Press, 1993.
- TURNBULL, Stephen. **The Samurai Sourcebook**. Londres: Cassell & Co, 2000.
- SOURYI, Pierre-François. **Historie du Japon médiéval**. Paris: Perrin, 2013.
- YONEMOTO, Marcia. **Mapping Early Modern Japan: space, place, and culture in the Tokugawa period (1603-1868)**. Londres: University Of California Press, 2003.